

XIX Congresso da AHILA (Associação de Historiadores Latino Americanistas). 1-4 setembro 2020, Université Paris I / Campus Condorcet

Simpósio 35: Colonização católica nas Américas e escravidão: sociedades, culturas e emancipações (séculos XVI-XXI) – Charlotte de Castelnau-L'Estoile, Hebe Mattos e Silvia Capanema.

Canonização e patrimonialização em Cunhaú: memória da escravidão e usos do passado.

Beatriz Gallotti Mamigonian (UFSC)  
bgmamigo.ufsc@gmail.com

Em outubro de 2017, o Papa Francisco canonizou 30 santos associados a dois massacres ocorridos no Nordeste do Brasil em 1645. Os chamados “mártires de Cunhaú e Uruaçu” fazem parte de um total de 150 pessoas que foram assassinadas por indígenas janduí, associados aos holandeses, durante a missa dominical, em dois episódios com intervalo de alguns meses. No contexto da ocupação holandesa do Nordeste, os massacres representariam perseguição aos fiéis católicos. A celebração aos mártires de Cunhaú e Uruaçu, que são padroeiros do Rio Grande do Norte, tomou a forma de um festejo celebrado todos os anos entre o fim de setembro e o início de outubro e consolidou-se, no início do século XXI, como uma das principais festas religiosas do estado e parte do calendário de turismo religioso. A festa ocorre em Canguaretama, junto à capela de Nossa Senhora das Candeias, local de um dos massacres, antes pertencente ao Engenho Cunhaú, totalmente reconstruída e tombada na década de 1980. Nesta apresentação, explorarei os meandros da patrimonialização de Cunhaú e da canonização dos mártires em paralelo com o silêncio sobre a história da escravidão (indígena e africana) no Engenho Cunhaú, o mais antigo e importante da região.